

CORRESPONDÊNCIA ATIVA, UM VARNHAGEN POR ELE MESMO?

ACTIVE CORRESPONDENCE, A VARNHAGEN BY HIMSELF?

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo analisar a *Correspondência ativa* do historiador brasileiro Francisco Adolfo de Varnhagen. A partir das correspondências pessoais é possível perceber como Varnhagen foi delineando uma associação entre sua própria pessoa, sua obra e o Brasil. Remetidas para várias pessoas, como colegas do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), superiores do serviço diplomático do Império e até o Imperador D. Pedro II; essas cartas oferecem um panorama de sua rede de sociabilidade e do seu trabalho como historiador.

PALAVRAS-CHAVE: Varnhagen; cartas; historiografia brasileira; Império do Brasil.

ABSTRACT: The present article aims to analyze the active correspondence of the Brazilian historian Francisco Adolfo de Varnhagen. From the personal correspondences it is possible to see how Varnhagen was delineating an association between his own person, his work and Brazil. Remittances to several people, such as colleagues from the Brazilian Historical and Geographical Institute (IHGB), superiors of the diplomatic service of the Empire and even the Emperor D. Pedro II; these letters provide an overview of his network of sociability and his work as a historian.

KEYWORDS: Varnhagen; letters; Brazilian historiography; Empire of Brazil.

INTRODUÇÃO

Uma anedota varnhageniana? Em 1851, o Ministro Honório Hermeto Carneiro Leão, futuro Marquês do Paraná, estava à procura de um secretário para a Missão Especial à República Oriental do Uruguai, República do Paraguai e Estados de Entre Rios e Corrientes. O historiador-diplomata Francisco Adolfo de Varnhagen, que havia chegado ao Rio de Janeiro após deixar a secretaria da Legação da Espanha, já havia conseguido o cargo de primeiro-secretário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e pleiteou a secretaria da Missão ao Rio da Prata.

Quem contou esta história foi José Ricardo Moniz nas suas Recordações acerca de Varnhagen (1882). Segundo o testemunho de Moniz, Varnhagen se empenhou com João

Maria Colaço Magalhães, que tinha influência sobre Carneiro Leão, mas Colaço recebeu do chefe da Missão a seguinte resposta: “Não o levo (Varnhagen), porque eu sei o que vou fazer e depois quando voltarmos ele há de dizer que foi ele que fez tudo porque eu, que nunca fui diplomata, não sabia nada. Nessa não caio eu. Eu só quero quem escreva o que eu ditar” (RODRIGUES, 2008, p. XII-XIII).

Ainda não decidido o nome, Varnhagen insistiu no intento de ser o escolhido para tão importante tarefa, de cujo sucesso dependia as relações do Império do Brasil com as Repúblicas platinas. Sobre o momento quintessencial dessa pequena empreitada do futuro Visconde de Porto Seguro rumo a um *bom nome*, seguiu Ricardo Moniz:

[...] um dia que às 2 horas disse que jantava conosco, meu Patrão às escondidas mandou-me chamá-lo ao Hotel Pharoux. Logo que Honório se viu em frente de Varnhagen carregou o sobrolho e o jantar não foi alegre. Depois do jantar, na ocasião do café, Honório pressentiu que era ocasião de alguma insistência da parte do seu amigo e compadre e, então, tomou este expediente sorvendo uma pitada de rapé – Sr. Varnhagen o Senhor onde mora? – No Hotel Pharoux, respondeu. – Pois bem, à noite talvez o procure; está em casa? Com estas perguntas lacônicas e concisas parecia tudo arranjado, e no entanto no outro dia lia-se no *Jornal do Comércio*: Foi nomeado o Dr. J. M. da Silva Paranhos, lente da Escola Militar para secretário da Missão Especial no Rio da Prata (RODRIGUES, 2008, p. XII-XIII. Grifo do autor).

Honório Hermeto preferiu José Maria da Silva Paranhos, futuro Barão do Rio Branco. Embora Paranhos não conhecesse história como Varnhagen, parecia-lhe despido de vaidade, o que a julgar pela resposta que deu ao amigo Colaço, não era a opinião que tinha sobre o novo secretário do IHGB. Carneiro Leão não escolheu Varnhagen, aparentemente, por conta de uma idiosincrasia também observada por Moniz: era um rapaz orgulhoso. Dessa vez, Varnhagen ficou pelo meio do caminho.

Mas teria sido Varnhagen só um vaidoso? Clado Ribeiro de Lessa identificou como traço marcante da personalidade de Varnhagen a vaidade aliada ao patriotismo. Aliás, para o biógrafo, o coração de Varnhagen pulsou “sem interrupção pelo Brasil” (LESSA, 1955, p. 202), numa confissão de admiração quase irrestrita. Um caso assaz curioso apareceu numa carta ao Dr. Francisco Freire Alemão, na qual Varnhagen falou do manuscrito de Baltazar da Silva Lisboa, *Física Vegetal dos Ilhéus*, que remetia, por empréstimo, ao botânico brasileiro.

Após valorizar a peça lembrando dos 200\$000 que dispensou por não querer vendê-la e da sua condição de pobre para dar um presente que lhe custou tão caro (algumas peças de ouro); Varnhagen se ofereceu a presenteá-lo com o referido livro, desde que o mesmo não saísse do Brasil, e finalizou com um pedido: que o botânico lhe fizesse uma

comemoração com uma das plantas novas cuja estampa salvou (VARNHAGEN, 1961, p. 192-193).

A comemoração era dar seu nome para alguma dessas plantas, nas palavras do historiador, “Creio que o serviço valia um gênero *Varnhageniano*” (VARNHAGEN, 1961, p. 192-193). Como principal interessado, Varnhagen escrevia muito seriamente, mas, para casos como esse, vale o comentário de Lessa segundo o qual, por vezes, a vaidade de Varnhagen suscita risos involuntários. Como desfecho da questão, Freire Alemão não aceitou a sugestão e Varnhagen não entrou para o Pantheon da Flora brasileira (LESSA, 1955, p. 202). Outros exemplos como esse se multiplicam na correspondência, porém não é a finalidade deste trabalho fazer uma compilação das pérolas narcísicas de Varnhagen.

Todo esse orgulho estava ligado a dois aspectos que não devem ser menosprezados. Varnhagen tinha ambição e também a certeza da importância de seus trabalhos. Numa carta ao Imperador D. Pedro II, escreveu:

A maior glória e honra do homem é ser ambicioso, diz Guizot. Não é também V. M. I. ambicioso de glória? [...] Nós os pequenos temos alguma coisa mais que ambicionar além da glória: temos que ambicionar o *ser menos pequenos*; pois contentando-nos só da glória literária todos preferiríamos deixar obras póstumas e memórias ultra tumbas. E, meu Senhor, mal daqueles que não forem ambiciosos dentro de certos limites pois, ou terão sentimentos baixos, ou desprezarão já, à força de orgulho e de desenganos, as honras sociais (VARNHAGEN, 1961, p. 245. Grifo do autor).

Ao lado da defesa da ambição *dentro de certos limites*, neste trecho Varnhagen tratou de uma aspiração sua apresentada em várias outras correspondências, a questão do reconhecimento de seu trabalho. Não desejando ser *pequeno*, Varnhagen quis ser reconhecido em seu próprio tempo, o que explica reclamações como a contida em outra carta ao Imperador, lamentando os “desfavores do Instituto” pela pouca atenção que o IHGB deu ao primeiro volume de sua *História Geral* (VARNHAGEN, 1961, p. 247). O imperativo era honrar o nome em vida, não dispensando as titulações para isso, ao invés de esperar pelo reconhecimento póstumo.

Diferente do monarca a quem se reportava, Varnhagen precisava se esforçar para conseguir a glória enquanto vivo que ambicionava. Isso era ser *menos pequeno*. Em outra ocasião, escreveu ao amigo Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara maldizendo pela perda de uma comenda napolitana e outra brasileira, fato que classificou como “um furo acima cá na carreira!” (VARNHAGEN, 1961, p. 112).

A importância que Varnhagen dava às honras sociais ficou patente em mais uma carta ao seu Augusto protetor, ao dizer que

com mais de quarenta anos de idade, eu – tão respeitador das hierarquias sociais, e não meio socialista (como v. gr. em Portugal o Sr. Herculano, que nem quis ser empregado do Estado), estou muito elevado com o modesto tratamento de V. Mcê. do cargo de Encarregado, e o hábito de Cristo, que é tudo quanto possuo de honras, creio que se enganam; ou muito a mim me engana a consciência, que me diz que tenho prestado mais relevantes serviços que outros contemporâneos meus que se acham muito mais elevados... (VARNHAGEN, 1961, p. 244).

A ênfase na idade que possuía naquele momento, *quarenta anos*, indica que Varnhagen queria mostrar (ou lembrar?) ao Imperador que toda sua vida até ali havia sido dedicada ao trabalho em prol do Brasil, seja o trabalho como historiador, que desde cedo começou a coletar documentação referente à história do país, seja como funcionário público. O respeito às *hierarquias sociais* parecia-lhe uma qualidade não pouco apreciável em sua carreira, tanto que chamou de *socialista* o amigo Alexandre Herculano, que teria dispensado um cargo do Estado português.

Varnhagen viu nessa recusa uma demonstração de falta de ambição, o que considerava negativo, por isso o fraseado revestido de modéstia, mas finalizado numa reclamação contida e/ou lembrete velado de que tinha prestado serviços mais relevantes ao Brasil que outros já em situação mais elevada. Por reclamações como esta, Inácio de Abreu e Lima o chamou de “pedante cheio de velhacaria”, numa polêmica do início da década de 1840 (LIMA, 1844, p. 111).

Em missivas ao Primeiro-secretário do IHGB, Januário da Cunha Barbosa, Varnhagen indicava nomes para sócios da agremiação. Também aconselhava D. Pedro II a conceder medalhas e condecorações a *amigos do Brasil*, e até pagar as despesas de livros, como a Bibliografia do Brasil de Ferdinand Denis (VARNHAGEN, 1961, p. 209). Para si mesmo, Varnhagen pedia de modo insinuado, primeiro registrando seus esforços, pesares e correrias entre o trabalho na Legação e a pesquisa e escrita das obras, depois dizia ter fé viva de que o monarca ainda teria no futuro algum ato de *graça espontânea*.

Noutras ocasiões foi mais direto, como nos pedidos para não ser mais nomeado para uma Legação nas Repúblicas sul-americanas, e sim num *país civilizado* onde pudesse seguir com suas pesquisas; ou para ser elevado da categoria de Residente para Plenipotenciário, quando de sua estadia em Viena (VARNHAGEN, 1961, p. 338). O exemplo mais acabado, porém, deve ter sido o memorial apresentado provavelmente ao Ministro do

Império, pedindo a S. M. Imperial a graça de uma condecoração. Alegava o que tinha feito em “prol do país”, com a listagem de uma série de trabalhos que lhe tinha tomado “muitas horas” e “muitos dias”, deixando-o de “se entregar a distração para entregá-los ao Brasil” (VARNHAGEN, 1961, p. 166-167).

Acerca de tudo isso, Varnhagen dizia que não trabalhava com o fito na recompensa, mas “por amor ao trabalho e por ganhar, à custa deste, um *bom nome*: e a ninguém mais que o juízo esclarecido do governo se pode dirigir para obter, por meio de demonstrações públicas, a sanção deste bom nome” (VARNHAGEN, 1961, p. 169). Pelo que já foi aqui colocado, é preciso desconfiar desse aparente desinteresse de Varnhagen numa recompensa, ainda mais se tiver em conta que sua situação financeira dependia desses trabalhos.

Levando em conta menções que fez em cartas, vivia sem excessos. Quando de sua residência em Viena, do final da década de 1860 até sua morte, reclamou das despesas com a casa, que lhe custava quase a metade do ordenado, além da família que contava três filhos, numa Corte muito cara. Antes disso, pediu ao Imperador que arcasse com os custos das edições da *História Geral*, o que não era uma solicitação absurda, pois o monarca era o grande patrocinador das letras no Império do Brasil (VARNHAGEN, 1961, p. 229). Tais atitudes foram avaliadas por Hélio Viana como “petulância” de Varnhagen após receber autorização para se dirigir diretamente ao Imperador (VIANA, 1967, p. 233).

Não há dúvidas que, da mesma forma que aconselhou o amigo diretor da Biblioteca de Évora, Varnhagen quis “granjear uma grande reputação” no “século oscilatório” (VARNHAGEN, 1961, p. 43). E fazia tudo isso porque, segundo ele mesmo, todos os seus estudos foram realizados com vistas de servir ao Brasil, pois tinha um patriotismo que nunca arrefeceu embora ausente da pátria desde a infância, e era ao Brasil que estava ligado seu destino. Foi confessando que os dois maiores estímulos para uma alma grande eram o amor da pátria e o da glória (VARNHAGEN, 1961, p. 365), que Varnhagen se lançou à grande empresa de escrever uma história do Brasil.

Assim sendo, teria Varnhagen criado uma imagem patriótica de si mesmo nessas cartas? Varnhagen foi um português-brasileiro, por ter se formado na antiga metrópole; um brasileiro por nascimento e opção, por ter escolhido reaver a nacionalidade brasileira; ou um historiador brasileiro carreirista, porque viu no recém-fundado Império uma chance de aplicar seus conhecimentos na construção de uma grande obra e um *bom nome*?

Esse é um terreno escorregadio e pode levar ao perigoso jogo da exaltação ou redução. Do mesmo modo que é preciso ter cuidado para não fazer um elogio acríptico do

patriotismo de Varnhagen, também não se deve reduzir o historiador a um mero carreirista que usava do discurso patriótico apenas como plataforma para galgar cargos melhores no serviço público do Império. Vale mais perceber, de um lado, em que medida Varnhagen tinha no serviço público uma oportunidade de ter uma carreira na diplomacia imperial, também atendendo aos interesses que tinha no trabalho como historiador.

Por outro lado, a diplomacia do Brasil e o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) também precisavam de um estudioso da história e geografia do país para levar adiante o projeto de escrita da história nacional, além de um bom auxiliar para as discussões a respeito de questões de limites com os países vizinhos. Essa via de mão dupla esteve presente já no ofício de Vasconcelos de Drummond (citado anteriormente) recomendando o jovem Varnhagen ao Ministro Lopes da Gama, onde se lia que

ninguém melhor do que ele (Varnhagen) está em circunstâncias de prestar importantes serviços neste gênero histórico e geográfico, não só pelas relações íntimas, que tem, com os empregados dos arquivos e bibliotecas deste Reino, e da Academia Real das Ciências, de que é membro, mas também porque *conhece praticamente tudo quanto existe acerca do Brasil*, de que faz seu particular estudo em qualquer parte deste Reino. O Rei D. Fernando ofereceu mandá-lo para a Alemanha aperfeiçoar a sua educação, para vir a ser mestre dos príncipes seus filhos. Varnhagen, que *tem os olhos no futuro que prevê*, recusou a oferta do rei: Pretende ser empregado no serviço público do Brasil, sua pátria de nascimento, e nós ganharíamos com isso, suponho eu, mormente se ele fosse empregado com o título de adido a esta Legação, com encargo especial de coligir documentos e diplomas para a História do Brasil e diplomacia, coordená-los e analisá-los de modo que certifique datas e acontecimentos e apure a verdade do fabuloso. Um ordenado de 800\$000 anuais seria, quanto a mim, suficiente recompensa para *adquirir já um moço de tanto talento e trabalho* (LESSA, 1945, p. 70-71. Grifo do autor).

Essa fala de Drummond é particularmente interessante porque demonstra quão acertada e necessária parecia ao Representante brasileiro em Portugal a aquisição do nome em questão, qualificado por ele como *um moço de talento e trabalho*. A referência aos contatos que Varnhagen possuía, seus conhecimentos em história e geografia do Brasil garantiam o acesso a essa documentação. Se incorporado ao serviço diplomático, sua primeira tarefa seria justamente coligir, coordenar e analisar documentos e diplomas para a história e diplomacia do Brasil, certificando datas, acontecimentos e apurando a verdade destes; o que indica o que o Ministro entendia ser o trabalho de um historiador.

Portanto, se o trabalho como diplomata e historiador serviu para Varnhagen construir uma carreira e um nome; o mesmo Varnhagen também foi útil aos interesses do Império naquele momento. Na opinião de Drummond, Varnhagen tinha *olhos no futuro* ao

escolher o Brasil, mas que futuro poderia prever o historiador sorocabano que em 1839, ano de escrita desse ofício, contava 23 anos de idade? A correspondência pode lançar algumas luzes sobre essa questão.

VARNHAGEN, AS CARTAS E A HISTÓRIA DO BRASIL IMPERIAL

Analisar correspondências pessoais pode auxiliar na investigação proposta neste momento do trabalho: tratar do Varnhagen brasileiro e historiador da nação, como e por que Varnhagen construiu uma associação entre ele mesmo, sua obra e o Brasil. Assim sendo, aqui foram utilizadas cartas enviadas por Varnhagen e que constam nos volumes *Correspondência ativa* (com cartas de 1830 a 1877), organizada por Clado Ribeiro de Lessa; e, em menor escala, por repetir missivas já presentes na edição de Lessa, no artigo publicado na Revista do IHGB, *Cartas de Varnhagen ao Conselheiro João Alfredo* (compreendendo cartas da década de 1870, quando Varnhagen exerceu o cargo de Ministro Plenipotenciário na Corte austro-húngara), de autoria de Pedro Moniz de Aragão.

A exploração de correspondências pessoais é importante não porque representa um conhecimento “mais verdadeiro”, e sim por permitir uma compreensão das relações estabelecidas entre as representações subjetivas do agente em questão (no caso, o titular do arquivo) e a memória que se construiu sobre ele (VENÂNCIO, 2001, p. 27). Pensando, desse modo, pelo prisma da organização de tais arquivos, pode-se dizer que o arquivo de Varnhagen guarda, ao mesmo tempo, sua leitura/escrita de si próprio e as múltiplas leituras e escrituras de quem o organizou, que procedeu no recolhimento das cartas, na escolha das que seriam publicadas, em sua disposição obedecendo a critérios como cronologia ou destinatário comum, etc.

Nesse âmbito, optei por não efetuar uma classificação dos tipos de correspondência, mas utilizá-las conforme exponham aspectos que interessem ao que quero elucidar nesta parte da dissertação. O grande problema de um trabalho desse tipo estaria em incorrer na ilusão de supor que as cartas revelam um “eu” coerente e contínuo, porque consistiria num documento que produz um efeito de “verdade”, o que levaria a descoberta do que “verdadeiramente aconteceu”, algo que não existe em nenhum tipo de documento (GOMES, 2004, p. 15). É preciso questionar o suposto ar espontâneo que carregaria os textos fabricados em espaços íntimos.

É justamente sob essa ótica que a espontaneidade, a autenticidade e a verdade dos documentos pessoais precisa ser trabalhada, na tentativa de não ser “enfeitado” pelo

encanto dos arquivos privados. Ao invés de uma essência, a aproximação com os espaços de intimidade de um ator social guia para outro espaço complexo e de equilíbrio instável, que é o da construção de si; do *self* construído a partir de processos de seleção, montagem e exposição, além da leitura feita pelo outro (LIMA, 2010, p. 221-222). A carta íntima é também um produto, mas não é menos digna da atenção do historiador.

Analisar a relação epistolar também permite observar a rede relações de seu titular, o que a constitui enquanto espaço definidor e definido pela sociabilidade deste, isto é, sua capacidade de manter uma vida social (VENÊNCIO, 2001, p. 32). No caso aqui proposto, Varnhagen mandava livros seus ou de outros autores para amigos (Imperador D. Pedro II, João Francisco Lisboa, Ferdinand Denis); pedia ajuda para correções de provas de suas obras (Dr. Caetano Moura) e títulos mais adequados para elas (Ferdinand Denis); pedia livros emprestados e emprestava livros (Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara). De um indício como esse já se depreende que Varnhagen passava a imagem de um intelectual, amante dos estudos.

Além de ter viajando muito, pesquisado em diversos arquivos e bibliotecas da Europa, frequentado círculos intelectuais, sido membro de Academias literárias e assinado periódicos; com a prática epistolar Varnhagen concretizou e reproduziu relações de amizade e favores com outros homens de letras e autoridades políticas. Pensando no contexto de uma elite cultural, da qual Varnhagen fez parte, a correspondência pode ser identificada como lugar de troca de ideias, de construção de projetos, por vezes, de pedir emprego, já que, como apontou Ângela de Castro Gomes, “intelectual geralmente é pobre, mas é ambicioso” (GOMES, 1998, p. 24). Essa colocação cabe de alguma forma para Varnhagen, que não era pobre, mas também não parecia muito rico e, confessadamente, era ambicioso.

Nas missivas pode ser encontrado o Varnhagen que contou das viagens e dos novos documentos que encontrou para sua *História Geral* ao *amicíssimo* Cunha Rivara, a quem remeteu uma carta acompanhada do ramo de uma planta que chamou sua atenção numa visita aos arredores de Lisboa; que agradeceu os números da Revista do IHGB e as frutas do Brasil mandados pelo *Amigo Firme* Cunha Barbosa. O Varnhagen polígrafo, que escreveu sobre administração pública (*Memória da administração pública*, provavelmente de 1841 ou 1842); teatro (drama *Amador Bueno*, 1858); peças de literatura portuguesa (*Trovas e cantares de um códice do século XIV*, 1849); línguas indígenas (*A origem turaniana dos tupi-caraíbas*, 1876); relato de viagem (*Grande jornada a vapor: quinze estados percorridos em 14 dias*, 1867), e até sobre caça (*A caça no Brasil*, 1860) e propaganda de exportação de erva-mate brasileira para a Europa (*Sementeira da erva-mate*, 1877).

Mas principalmente pode-se encontrar o Varnhagen historiador. Nas cartas falou a respeito do que entendia por história e o ofício do historiador. Numa missiva não datada ao Cônego Januário da Cunha Barbosa, mencionou seu plano de escrever uma “conveniente *História da Civilização do Brasil*” utilizando o “novo método de escrever a história” (VARNHAGEN, 1961, p. 92). Varnhagen não explicou melhor de que *novo método* se tratava, mas a partir de informações dadas por ele em outras cartas é possível reconstituir o caminho que percorria para escrever suas obras, e o ponto de partida era o arquivo.

Desde sua nomeação para a Legação brasileira em Portugal, e logo sua admissão, no início de 1840, como sócio correspondente do recém-criado Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838); Varnhagen pesquisou na Torre do Tombo e outros arquivos e bibliotecas de Portugal, Espanha, Holanda, França e outros países da Europa, onde dizia dedicar suas horas vagas ao estudo da história e geografia do Brasil.

Numa carta de 1843, escreveu que na Torre do Tombo lhe aparecia tanta coisa que não fazia mais que copiar e andar para diante, e que em algum tempo que não tivesse mais arquivos, cuidaria de organizar todos os documentos, passando para a escrita do trabalho. Antes de enviar a documentação solta para o Instituto, preferia “uni-los e combiná-los em doutrinas que façam tal ou tal corpo” (VARNHAGEN, 1961, p.103), ou seja, Varnhagen procurava primeiro dar uma coerência lógica à documentação encontrada, até como forma de servir melhor à organização do arquivo do IHGB, que estava sendo formado naquele momento pelo trabalho de cópia de originais como o realizado por Varnhagen; além de ser esse o material publicado na Revista Trimensal do Instituto.

Para a etapa da redação histórica, Varnhagen se preocupava com questões que considerava fundamentais para o trabalho do historiador: a clareza de estilo, a imparcialidade, e a verdade do acontecido. Mais uma vez escrevendo a Cunha Barbosa, defendeu que

a história com o seu aspecto sisudo superior a todas as simpatias deve recebê-lo como prova ao julgamento no seu tribunal de justiça, e é ela reta no lavrar da sentença, embora com esta se vá deserdar de belas propriedades com que se enriquecia, e que até aí julgava serem-lhe de direito pertencentes (VARNHAGEN, 1961, p. 126).

Para Varnhagen, a história tinha de ser escrita em estilo claro, sem os rodeios ou embelezamentos de linguagem que, na pior das hipóteses, poderiam prejudicar o entendimento, por isso revisava, corrigia e atualizava seus escritos. Também deveria tributar a devida justiça à memória de quem bem serviu a pátria, porque o papel do historiador era

semelhante ao do juiz, perante o grande tribunal da história, que distribuía honras e punições. Em suma, a história deveria ser *reta no lavrar da sentença*, mas só um historiador imparcial, que não se deixava levar por sentimentalismos, poderia desempenhar essa função adequadamente, pois, obedecidas as regras da pesquisa rigorosa e da crítica cuidadosa dos documentos, chegar-se-ia à história que combinava conveniência com verdade.

No Tomo II da *História Geral do Brasil* (1857), ao se referir ao movimento pernambucano de 1817, Varnhagen disse ser este “assunto para o nosso ânimo tão pouco simpático que, se nos fora permitido passar sobre ele um véu, o deixaríamos fora do quadro que nos propusemos traçar” (VARNHAGEN, 1857, p. 373), isto é, para o tipo de história que Varnhagen proclamava, a verdade conveniente, e sendo ele um crítico da Revolução Pernambucana, entendida como um atentado contra a nação; o conflito foi um fato que verdadeiramente aconteceu, mas se pudesse ficaria de fora da narrativa porque, por ter sido um ataque à unidade nacional, não era conveniente. O discurso de Varnhagen, como os homens de letras de seu tempo, era o da defesa da unidade territorial, política, da nação como um todo; combinado com o pavor da fragmentação.

Como um historiador comprometido com a história nacional e que dizia escrever tudo de forma conscienciosa, Varnhagen foi ferrenho defensor de suas obras. No Necrológio de 1878, Capistrano de Abreu afirmou, por exemplo, que para defender seus escritos Varnhagen mataria “moscas a pedradas”, e que na polêmica travada com João Francisco Lisboa, em que talvez tivesse razão, “teve a habilidade de por todo o odioso de seu lado”, pois não sabia tocar sem ferir (ABREU, 1931, p. 135). Essas observações do historiador cearense ajudam a pensar qual era o estilo varnhageniano de se comportar com relação ao seu ofício, o que lembra a famosa máxima do Conde de Buffon segundo a qual “o estilo é o próprio homem” (BUFFON, 2011, p. 11).

O aforismo proferido por Buffon quando de sua recepção na Academia Francesa, em 25 de agosto de 1753, precisa ser lido com precaução, no entanto, homem e estilo estão ligados. Em sua acepção escrita, o estilo permite algumas formas correlatas de expressão, como o estilo emocional do historiador, espelhado na pontuação, nos adjetivos preferidos, na escolha dos episódios ilustrativos, nas tônicas e epigramas. Há também o estilo profissional, refletido no tipo de material escolhido e na forma de usá-lo, e o estilo de pensar, seus postulados mais básicos sobre a natureza do mundo. Para Peter Gay (1990, p. 24), esses estilos, no conjunto, compunham uma rede de indícios que apontam uns para os outros e, somados, para o homem, o historiador em atividade.

Ao proclamar que o estilo revelava o homem, Buffon insinuou que o grande escritor era aquele que trazia as marcas indeléveis de uma formação aprimorada (OLIVEIRA, 2007, p. 85). Para além de uma compreensão do estilo como expressão da individualidade, deslindar o estilo de um escritor seria nele encontrar impresso as marcas que o distinguiam e o faziam partícipe de um seleto grupo intelectual. Ter estilo era compartilhar formulações consagradas, que fariam de um homem um homem de estilo, assim, a proposta de Gay, inspirado no epigrama de Buffon, era defender que o estudo do estilo possui um valor diagnóstico ao oferecer pistas para entender quem escreve, de onde escreve.

Ainda de acordo com Peter Gay, é um teste rigoroso observar o estilo cognitivo de um historiador que é, a um só tempo, estudioso, homem de letras e famoso partidário (GAY, 1990, p. 181). Varnhagen se envolveu no discurso político de seu tempo, sua obra historiográfica é, igualmente, uma obra política, além da atuação na diplomacia. Há que se dizer que, como os “pais fundadores” do IHGB, fez parte do grupo que defendeu a monarquia constitucional como a única saída política para o Brasil. Varnhagen estava ligado ao *establishment* imperial, e era *homem do Imperador*.

Nesse âmbito, é possível anotar que, no caso de Varnhagen, a escrita da história e aspectos da vida pessoal estavam imbricados de modo orgânico. No limite, Varnhagen escreveu com o propósito de ter uma identidade: ser brasileiro e um dos grandes. Se entre os estilos mais reveladores, está o estilo emocional do historiador, um aspecto importante a ser destacado sobre a escrita de Varnhagen é a questão de sua própria nacionalidade.

Como dito anteriormente, Varnhagen foi ainda criança para Portugal e quando jovem serviu no Exército, sem permissão do governo do Brasil, onde nasceu. Assim sendo, pela Constituição de 1824, tal situação de emprego num país estrangeiro sem licença do Imperador resultava na perda dos direitos de cidadão brasileiro. No final da década de 1830, com a intenção de retornar ao Brasil e, já por conta de suas relações em Portugal, com chances de um cargo no serviço público do Império; Varnhagen pediu licença do Exército português e veio ao Brasil no início de 1840, na tentativa de reaver a nacionalidade de sua pátria de nascimento, aproveitando uma lei que tramitava no Poder Legislativo que permitiria a repatriação de brasileiros residentes no exterior.

Optando decididamente pela nacionalidade brasileira, Varnhagen entregou um Requerimento à Martim Francisco de Andrada e Silva para chegar às mãos do então Ministro do Império, do primeiro gabinete escolhido por D. Pedro II, Antônio Carlos de Andrada e Silva. No documento, além de notas sobre o nascimento do requerente, sua ida

para a Europa aos oito anos de idade e os serviços militares prestados em terras lusitanas, com proposta para o posto de Capitão; constava que “o suplicante nasceu brasileiro e brasileiro quer morrer: deseja conservar os foros a que seu nascimento e sua opção lhe dão direitos: – deseja, embora residente em terras do Velho Mundo, ser americano” (LESSA, 1945, p. 75).

Destaque-se o *ser americano*. Em sua dissertação, Gisele Almeida advogou que Varnhagen investiu em duas carreiras e duas nacionalidades, escolhendo a que lhe pareceu mais vantajosa, que poderia lhe facilitar o exercício da investigação histórica, sua aptidão desde moço; mas a autora concluiu pelo reconhecimento de que o trabalho desempenhado pelo historiador é mais importante que a querela a respeito das motivações que o levou a escolher a nacionalidade brasileira, embora a reflexão sobre esse aspecto não seja insignificante (ALMEIDA, 2015, p. 49).

Querendo *ser americano e brasileiro*, como reiteradas vezes escreveu, ou não, fato é que Varnhagen não pediu logo demissão do posto em Portugal, apenas licença, estendida por todo o tempo em que permaneceu no Brasil (até a metade de 1841) e sua nomeação como adido da Legação imperial em Lisboa (19 de maio de 1842). Varnhagen forneceu dados sobre esse período num ofício de 1843 ao General Francisco José de Sousa Soares de Andréa. Numa espécie de autobiografia, informou o futuro Barão de Caçapava acerca dos estudos e serviços militares que prestou em Portugal, enfatizando que bem trabalhou pelo país europeu, mas só tinha vistas de servir no seu país de nascimento.

Para tanto, passou-se ao Brasil sem de todo sacrificar sua segurança e posição social já conseguida, e em 19 de fevereiro de 1842 recebeu o ofício comunicando que teve seus direitos de cidadão brasileiro restituídos, só então pediu demissão do posto de 1º Tenente (VARNHAGEN, 1961, p. 99-101). Agora era brasileiro por nascimento e opção, tinha acesso a uma vasta documentação, a proteção imperial e o Instituto.

Destacar a questão da nacionalidade de Varnhagen em relação à sua obra pode parecer lugar-comum, mas seria um equívoco encará-la como um fato pouco merecedor de atenção. Se assim fosse, o próprio Varnhagen não teria se ocupado tanto em se apresentar, seja em obras, seja em cartas, como *um brasileiro* e não somente como Francisco Adolfo de Varnhagen. Uma rastreada simples em alguns títulos mostra uma busca por associação direta com o Brasil: o artigo *Sumé: lenda mito-religiosa* (1855), publicado na Revista O Panorama, saiu assinado por *um paulista de Sorocaba*; a *História das lutas com os holandeses no Brasil desde 1624 a 1654* (1871) foi escrita pelo autor da *História Geral do Brasil*.

Na *Correspondência ativa*, a partir de 1872, quando assinou, passou a trazer o *B. de Porto Seguro*, depois de 1874, o *V. de Porto Seguro*, com algumas variações; e a lista

de pseudônimos é longa. A aproximação de sua pessoa com o Brasil e sua história fica claro nas cartas, tanto que dedicou boa parte de sua vida a escrever a *História Geral*. A propósito desta obra, seu primeiro volume saiu do prelo assinado apenas por *Um sócio do Instituto Histórico do Brasil, natural de Sorocaba*, o nome de Varnhagen apareceu apenas na dedicatória ao Imperador.

Em carta ao Secretário da Real Academia de História de Madri, Pedro Sabau, Varnhagen informou seu desejo de declarar que o livro havia sido escrito por um sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil (VARNHAGEN, 1961, p. 205). Também tratou dessa questão do anonimato com o Conselheiro José Maria Velho da Silva e com D. Pedro II, afirmando não ser por temor da responsabilidade, mas por “outras miras de abnegação” que seriam apresentadas ao monarca (VARNHAGEN, 1961, p. 207).

A razão dessa escolha foi exposta numa carta de 5 de fevereiro de 1854 ao monarca, quando falou da visita de parte da imperial família à Espanha. Varnhagen escreveu com certo pesar que os parentes do Imperador se surpreenderam ao perceber que ele não era estrangeiro, ou ao menos estrangeirado, não correspondendo a ideia que haviam formado sobre ele por causa do sobrenome. Com a omissão de seu nome a obra seria “apenas de *um brasileiro* ou do *Instituto H. do Brasil*; e, por conseguinte, *de todo o Brasil*” (VARNHAGEN, 1961, p. 213); assim, o mérito que coubesse à *História Geral* seria igualmente um mérito da jovem nação americana.

Mas talvez a maior demonstração de quanto *ser brasileiro* era importante para Varnhagen tenha aparecido na carta de agradecimento pelo título de Barão de Porto Seguro. Nela, Varnhagen fez o seguinte desabafo:

Ainda que muitas vezes me incomodei vendo-me considerado aos olhos da Europa, - e especialmente da Alemanha, em virtude do meu apelido, como menos brasileiro [...] não pensava já agora separar-me, sem saudade nem estranheza, desse nome, que durante perto de quarenta anos procurei ilustrar e honrar, ilustrando-me e honrando-me; e confesso a V. M. I. que já não tinha esperança, nem aspiração, de o ver trocado por outro... Porém o mágico nome de Porto Seguro, tão querido para quem tinha levado esses quarenta anos sempre ocupado da região de Cabral, operou o prodígio (VARNHAGEN, 1961, p. 371).

A *graça espontânea* do Imperador que Varnhagen aguardou até os 56 anos de idade, finalmente foi concedida. Mas o grande interesse neste trecho está na confissão do historiador do quanto o incomodava o fato de que ser o *Sr. Varnhagen*, um sobrenome alemão, sempre equacionava com a ideia de que era *menos brasileiro*, o que o levou até a

pedir para não continuar servindo diplomaticamente em países de língua alemã (no que, mais uma vez, não foi atendido, morreu na Áustria).

Por outro lado, o nome do título de honra foi o mais perfeito possível para o gosto de Varnhagen: *Porto Seguro*. A aprovação e alegria pelo nome escolhido por D. Pedro II foi registrada novamente na dedicatória da segunda edição do Tomo I da *História Geral* (1877), onde identificou Porto Seguro, na Bahia, como o ponto de partida da história da civilização do Brasil (VARNHAGEN, 1877, s/p). Todavia, até esse grande reconhecimento, Varnhagen teve que suportar o que chamava de *desfavores do Instituto*, ou seja, não sentia que seu trabalho era reconhecido pelo IHGB, e só podia se valer do Imperador para isso.

Em contrapartida, ele valorizava muito sua obra e numa carta de julho de 1853 escreveu ao monarca que

quando me lembro do trabalho que tenho tido em juntar documentos, quase desde a minha infância (tal que me faltara hoje o ânimo para começá-lo segunda vez), e dos estudos históricos a que me tenho dedicado, sinto quase a convicção de que [se] os meus trabalhos se perdessem, ficaria a nossa história ainda por depurar de erros, - quem sabe por quanto tempo... (VARNHAGEN, 1961, p. 206)

A tarefa a que Varnhagen se propôs não era, portanto, de pouca monta. Ao que parece, pensava que de seu trabalho dependia o conhecimento da verdadeira história do Brasil, e nesse sentido, era tão preocupado que passava as provas manuscritas para alguma pessoa de sua confiança que se comprometesse a publicar a obra, no caso de lhe acontecer alguma desgraça (VARNHAGEN, 1961, p. 207). E assim Varnhagen foi tecendo uma linha de aproximação entre ele e o Brasil.

Outro bom exemplo pode ser encontrado na capa da Parte I do *Memorial orgânico* (1849). É possível destacar alguns elementos interessantes. Um primeiro aspecto é novamente o anonimato do autor, a opção de Varnhagen em se apresentar de *viseira calada*, aparecendo apenas como *Um brasileiro* e dizendo, logo abaixo, ter sido *dado a luz por um amante do Brasil*. Um segundo elemento seria a dedicatória às *Assembleias Geral e Provinciais do Império*, o que identificava a obra e a intenção do autor em escrevê-la com as instâncias políticas do Império, ou seja, como as Assembleias que legislavam pelo bem do país, a obra também foi redigida visando esse fim.

O terceiro ponto a se destacar é a existência do brasão do Império, o que confere certo caráter “oficial” ao documento. Uma obra escrita por alguém que trabalhava tendo o Império em perspectiva, como centro de suas preocupações. Por fim, a epígrafe, uma

frase do escritor italiano Silvio Pellico que se refere a alguém que padece com a intenção de ajudar o próximo. A imagem do intelectual que se sacrifica, lançando-se às *balas de papel* da censura alheia, é bastante presente no *Memorial* e na correspondência.

Na segunda parte do opúsculo (1850), a frase epigrafada de Pellico foi substituída por uma do político francês François Guizot, pela qual não se curam os males que não se ousa olhar de frente, o que parece bastante adequado ao conteúdo do texto que, entre outros, lamentava a falta de *coragem política* dos *representantes da nação*, a quem dedicou o trabalho (VARNHAGEN, 1850, p.6). Numa reedição da Parte I em 1851, Varnhagen já dedicou à nação brasileira, o que demonstra uma ligação mais estreita agora com o povo brasileiro.

Segundo Philippe Artières (1998, p. 10), as práticas de arquivamento da vida constroem uma imagem de si para a própria pessoa, e por vezes para os outros. No caso de Varnhagen, a fidelidade à monarquia bragantina representada no governo pessoal de D. Pedro II e justificada desde a infância, quando se criou entre “papéis e correspondências daqueles séculos de mais lealdade e civismo” (VARNHAGEN, 1961, p. 170-171), estendia-se numa fidelidade ao Brasil e sua história, que ele escreveria. Lendo nas entrelinhas da correspondência, essa foi a imagem criada por Varnhagen.

Em 1857, numa espécie de carta-confissão, noticiou ao Imperador a conclusão do segundo volume da *História Geral*, contando de sua alegria em ter prestado tal “serviço à nação e às demais nações”:

[...] pus-me a pensar na dádiva que sem ter honras, nem deveres de *cronista mor*, ia, depois de tantos sofrimentos, de tantos suores, de tanto duvidar, de tanto errar e corrigir, de tanto arrepender, de tanto cortar e riscar, de tanto colocar e descolocar [...]. E falo só de trabalhos, porque ao lado deles são nada mais de cinco contos de réis pela impressão e gravuras, dos quais não espero cobrar nem metade, ainda quando V. M. a mande adotar nas escolas de direito e militares e nos colégios, que será a melhor maneira de fazer que no seu império não só todos leiam e conheçam a pátria história, como lhe deem mais importância e haja maior número de aplicados a esclarecê-la (VARNHAGEN, 1961, p. 241-243. Grifo do autor).

Este excerto recupera a questão da vaidade de Varnhagen, que dizia sentir-se aliviado em publicar sem as *honras* de *cronista mor* para, logo depois, recordar ao Imperador seu merecimento de um título ainda não recebido. É possível conjecturar que ao grifar a palavra *cronista mor* Varnhagen estava menos sendo *modesto de forma*, do que se sugerindo ele mesmo para tal posição. Ele faz uma clara ligação entre sua pessoa (com uma situação financeira aparentemente pouco confortável, mas que não o impedia de escrever), o

livro (que deveria ser adotado nas instituições de ensino) e o Brasil (que a partir daí conheceria e daria maior importância à própria história). Em sua opinião, uma história do Brasil era uma *necessidade nacional*, que se julgava capacitado para suprir.

A construção textual adotada por Varnhagen deixa margem para o entendimento de que, para ele, a história do Brasil era a sua *História Geral*, ou ao menos a história do Brasil que merecia ser escrita e conhecida por todos. Era essa a contribuição que acreditava ter dado à história do país, o mesmo do soberano a quem se dirigia na missiva, e com isso estabeleceu outra aproximação, dessa vez com o Imperador.

Conforme Michel Foucault (2004, p. 156), a carta torna o escritor “presente” para aquele a quem ele a envia, e não apenas pelas informações que dá sobre sua vida, suas atividades, etc., mas com uma espécie de presença imediata, quase física. Esse efeito de presença que se nota em cartas como essa parece ser o que Varnhagen queria imprimir, como se dissesse que, mesmo longe, era como se estivesse prostrado aos pés do monarca, pois era dele o *mais fiel e leal súdito*.

Na dedicatória de 1854 (*História Geral*), Varnhagen disse ter se alistado em último lugar entre os “cronistas da Terra de Santa Cruz”, colocando-se, dessa forma, ao lado de grandes nomes, mas com uma diferença: a sua história havia sido escrita com a “maior imparcialidade” (VARNHAGEN, 1854, s/p). Sempre falou em termos de *nossa história*, colocando seu trabalho como algo não apenas seu, mas também do Imperador e, por extensão, de todo o Brasil, sentimento que expressou quando remeteu o índice da obra ao monarca, afirmando que “a ninguém antes que a V. M. I. devia eu comunicá-lo, quando a obra é tanto Sua” (VARNHAGEN, 1961, p. 214). Seu trabalho exaustivo, frequentemente recordado na correspondência e nos prefácios, era obra do e para o Brasil da metade do Oitocentos.

Varnhagen quis que sua obra passasse à posteridade. Reconhecia que a *História Geral* era sua grande obra, que viveria eternamente e seria citada e traduzida. Seu empenho pela imortalidade do nome levou-o inclusive a dispor no testamento que a Viscondessa, sua esposa chilena Carmen Ovalle y Vicuña, não contraísse novo matrimônio, para conservar o título. Igualmente se apressou em garantir que os filhos Xavier Teodoro e Luís Guilherme se assinassem com o *Porto Seguro* (ARAGÃO, 1964, p. 16).

Varnhagen quis ser lembrado como o historiador brasileiro que deu ao Brasil uma *História Geral*, um patriota que dedicou sua vida ao estudo e escrita da história de seu país. Isso ficou muito claro na dedicatória ao Imperador da segunda edição da *História Geral* (Tomo I, 1877), quando falou de uma vida “sempre votada ao estudo e à investigação da verdade” (VARNHAGEN, 1877, s/p.). O uso de *vida votada* exprimia uma ideia de vocação e

dedicação total para a realização daquele trabalho, em várias passagens falou em abnegação, do cansaço, das horas dedicadas ao serviço. *Servir*, aliás, foi outro verbo recorrente na correspondência do autor.

Embora contasse com o monarca, que nos idos de 1860 sabia de seus 53 anos já completos e boa parte deles trabalhando como empregado do Estado, sentia-se preterido por vários colegas mais felizes em suas nomeações, e concluía suplicando para não ser mandado a nenhum lugar sem melhorar de categoria, pois se isso acontecesse seria como uma “facada” que não merecia de ninguém e menos ainda do seu protetor (VARNHAGEN, 1961, p. 340). Lamentações como essas põe questionável a afirmação de Manoel Salgado Guimarães (2011, p. 194) de que Varnhagen foi plenamente reconhecido tanto pelos serviços prestados ao Estado, quanto pelos esforços intelectuais.

Outra leitura seria a de que Varnhagen reclamou muito por nunca ter se achado reconhecido como acreditava merecer. Em ambos os casos, cabe não menosprezar o julgamento do historiador, até por ser a fonte que se tem disponível, infelizmente a correspondência passiva do autor, que deveria fazer parte da Coleção Francisco Adolfo de Varnhagen do Arquivo Histórico do Itamaraty, não está disponível para pesquisa, na realidade nem foi encontrada; o que inviabiliza a análise das cartas que escreveu em conjunto com as que recebeu.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Então, pode-se dizer que a *Correspondência ativa* no geral e a autobiografia de 1843 em particular, revelam um Varnhagen por ele mesmo? Para ser um Varnhagen por ele mesmo, a correspondência deveria ser a representação fiel do Varnhagen ele-mesmo, o que se revela perigoso. Como já aludido, cumpre não descuidar da ilusão de verdade dos arquivos pessoais, pois o sujeito que fala ou escreve sobre si não é o objeto (re)presentado por seu discurso reflexivo, falando e escrevendo, literalmente, ele se produz (CALLIGARIS, 1998, p. 99).

Se deslindar o estilo equivale a deslindar o homem, o testamento de Varnhagen pode ser elucidativo. Recuperando um trecho do documento já colocado no início deste capítulo, o historiador escreveu:

[...] desejo que o meu corpo fique sepultado no lugar em que suceder meu falecimento; mas disponho que, antes de decorridos dois anos depois de meu falecimento, no alto do Morro de Araçoiaba, próximo do lugar em que nasci, *se levante uma cruz* tosca, quer de granito, quer de mármore preto (pedra de

cal) das imediações, *tão grande quanto seja possível*, com uma pequena inscrição na base *em que se declare que fiz nela voto ao Senhor, por me haver concedido nascer no Continente de Colombo, e na paragem em que meu Pai levantou um estabelecimento monumental* (JANKE, 2009, p. 24. Grifo meu).

Quatro anos após sua morte, o monumento foi erguido nas terras da Real Fábrica de Ferro de São João de Ipanema; os restos mortais só depois de um século vieram do Chile, para onde tinham sido levados pela viúva. Mas uma contradição da vida do historiador deve ser anotada: vivendo sempre no exterior, Varnhagen foi uma espécie de viajante. A pertinência de tal afirmação está em que, ao longo da vida, Varnhagen lutou para ser reconhecido como *brasileiro*, depois como historiador e diplomata e, finalmente, para se tornar nobre.

Para Temístocles Cezar (2007, p. 187), esse conjunto de fatores demonstra que não foi um empreendimento pessoal totalmente bem-sucedido. A exigência da construção do monumento expressaria também sua consciência de que não era muito popular em seu país, mesmo, como ele bem sabia, entre colegas do IHGB. Seu medo era o de que sua memória não fosse preservada. De todo modo, a partir das cartas, é possível deduzir que Varnhagen delineou um projeto pessoal e, sendo querido ou não, conseguiu um lugar no amplo cenário das letras do Brasil imperial. Como não se cansou de dizer, essa tarefa não excluiu a necessidade de décadas de dissabores, frustrações e pequenas alegrias para ser realizada. Varnhagen foi um homem do seu tempo, com interesses e preocupações que lhe cabiam.

A nobreza veio tarde, mas veio. A impaciente paciência com que esperou uma melhor posição pode explicar a avaliação que fez do jovem cotado para substituí-lo interinamente no serviço em Caracas (década de 1860): um moço “excessivamente orgulhoso” e “impacientemente ambicioso”. Ou apenas Varnhagen não o considerava qualificado o suficiente para tal trabalho, posto ter acrescentado que o rapaz tinha uma “curta inteligência” (VARNHAGEN, 1961, p. 291). De qualquer forma, é curioso que justamente Varnhagen desaprovasse tal comportamento...

Ao exercício que se pretendeu fazer aqui, só se pode dar um final provisório, em aberto, pois é inevitavelmente “work in progress” (expressão utilizada pelo autor irlandês James Joyce) até um próximo achado ou somente outra interpretação do mesmo material. Se a verdade das cartas não pertence ao leitor, e talvez seja esse o maior aprendizado que um leitor de cartas pode ter; é possível que Francisco Adolfo de Varnhagen tenha criado,

conscientemente ou não (não é o mais importante), um personagem monumental em suas cartas e obras em geral: o Varnhagen historiador da nação brasileira. Uma imagem que pode ser múltipla e que está presente na relação epistolar.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Gisele Cristina Cipriani. “**Memória da administração pública**” de **Francisco Adolfo de Varnhagen**. Edição de texto. 312 f. Dissertação (Mestrado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2015.

ARAGÃO, Pedro Moniz de. Cartas de Varnhagen ao Conselheiro João Alfredo. **RIHGB**, Rio de Janeiro, v. 268, p. 13-25, jul./set. 1965.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 21, 1998.

BUFFON, Georges-Louis Leclerc de. **Discurso sobre o estilo**. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2011.

CALLIGARIS, Contardo. Verdades de autobiografias e diários íntimos. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 21, 1998.

CEZAR, Temístocles. Varnhagen em movimento: breve antologia de uma existência. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, p.159-207, jul./dez. 2007.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. **Ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

GAY, Peter. Introdução: o estilo da maneira à matéria. In: _____. **O estilo na História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. Conclusão: sobre o estilo na história. In: _____. **O estilo na História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GOMES, Ângela de Castro. Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, n. 21, 1998.

_____. (Org.). Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: _____. **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

GUIMARÃES, Manoel Salgado. **Historiografia e nação no Brasil: 1838-1857**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

JANKE, Leandro Macedo. **Lembrar para mudar: o Memorial Orgânico de Varnhagen e a constituição do Império do Brasil como uma nação compacta**. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br>>. Acesso em: 17 jan. 2013.

LESSA, Clado Ribeiro de. Formação de Varnhagen. **RIHGB**, Rio de Janeiro, v. 186, p. 55-88, jan./mar. 1945.

_____. Vida e obra de Varnhagen. **RIHGB**, Rio de Janeiro, v. 227, p. 85-236, abr./jun. 1955.

LIMA, José Inácio de Abreu e. **Resposta do general J. I. de Abreu e Lima ao Cônego Januário da Cunha Barbosa ou Análise do Primeiro Juízo de Francisco Adolfo de Varnhagen acerca do Compêndio de História do Brasil**. Pernambuco: Tip. de M. F. de Faria, 1844.

LIMA, Kleverton Teodoro de. Cartas, história e linguagem. **Revista de Teoria da História**, Goiânia, n. 3, jun. 2010.

OLIVEIRA, Laura Nogueira. **A palavra empenhada**: recursos retóricos na construção discursiva de Francisco Adolfo de Varnhagen. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal de Minas Gerais, 2007.

RODRIGUES, José Honório. Explicação. In: PARANHOS, José Maria da Silva. **Cartas ao amigo ausente**. Rio de Janeiro: ABL, 2008.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. **Memorial Orgânico**. Em que se insiste sobre a adoção de medidas de maior transcendência para o Brasil. Madrid: Imprensa da Viúva de D. R. J. Dominguez, 1850.

_____. **História Geral do Brasil**. TOMO I. Madrid: Imprensa de J. del Rio, 1854.

_____. **História Geral do Brasil**. TOMO II. Madrid: Imprensa de J. del Rio, 1857.

_____. **História Geral do Brasil**. TOMO I. 2. ed. Viena: Imp. do filho de C. Gerold, 1877.

_____. **Correspondência ativa**. Rio de Janeiro: INL, 1961.

VENANCIO, Giselle Martins. Presentes de papel: cultura escrita e sociabilidade na correspondência de Oliveira Vianna. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 28, p. 23-47, 2001.

VIANA, Hélio. Correspondência do Visconde de Porto Seguro. **RIHGB**, Rio de Janeiro, v. 274, jan./mar. 1967.